

Museu do Homem do Nordeste

Vânia Brayner

Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo. Pós-graduanda em Economia da Cultura. Coordenadora geral do Museu do Homem do Nordeste, da Fundação Joaquim Nabuco, desde 2003.

E-mail: vania.brayner@fundaj.gov.br

Resumo: O Museu do Homem do Nordeste nasceu da fusão de três outros museus: o Museu de Antropologia (1961-1979), o Museu de Arte Popular (1955-1966) e o Museu do Açúcar (1963-1977). Criado em 1979 pelo sociólogo Gilberto Freyre, o Museu reúne coleções caracterizadas pela heterogeneidade e pela variedade, apresentando peças requintadas, das ricas famílias dos senhores de engenho; ao lado de objetos muito simples, de uso, ainda hoje, no cotidiano das classes menos favorecidas. O Museu do Homem do Nordeste tem por objetivo pesquisar, documentar, preservar, difundir e atualizar esse rico patrimônio cultural da região, constituindo um vasto campo de pesquisa histórico-social, étnico-cultural e étnico-histórico.

Palavras-chaves: Museu do Homem do Nordeste, Gilberto Freyre, Antropologia, Nordeste, açúcar.

Abstract: The *Museu do Homem do Nordeste* (Museum of the Northeastern Man) was born from the merger of three other museums: the Museum of Anthropology (1961 – 1979), the Museum of Popular Art (1955 – 1966) and the *Museu do Açúcar* (Museum of Sugar) (1963 – 1977). Created in 1979 by the sociologist Gilberto Freyre, the Museum hosts collections characterized by heterogeneity variety, featuring exquisite pieces of the rich families of the lords of sugar; side by side with very simple objects still used by the least advantaged classes in their daily lives. The goal of the *Museu do Homem do Nordeste* is to research, document, preserve, disseminate and update the rich cultural heritage of the region, becoming an extensive field of historical, social, ethnic-cultural and ethno-historical research.

Keywords: Museum of Northeast Man, Gilberto Freyre, Anthropology, Northeast, sugar.

Criado a partir das ideias museológicas defendidas pelo sociólogo Gilberto Freyre, o Museu do Homem do Nordeste, vinculado à Diretoria de Documentação da Fundação Joaquim Nabuco, nasceu da fusão de três outros museus: o Museu de Antropologia (1961-1979), pertencente ao então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais; o Museu de Arte Popular (1955-1966), ligado ao Governo do Estado de Pernambuco; e o Museu do Açúcar (1963-1977), do extinto Instituto do Açúcar e do Alcool.

O autor de *Casa-grande & senzala*, e de outras obras basilares para a compreensão da sociedade brasileira, defendeu, em 1924, a criação de museus regionais de caráter antropológico, afirmando ser fundamental “a fundação, no

Brasil, particularmente no Nordeste, de museus de um tipo novo: que reunisse valores expressivos da cultura e do *êthos* de gentes brasileiramente regionais¹. Já nessa época, ainda jovem, Freyre dizia lamentar

[...] o estreito critério, ainda dominante no País, de considerar-se valiosamente histórico, inclusive para atentos museólogos, apenas o material ou a relíquia ou o objeto relativo a glórias militares, a datas grandiosamente cívicas, a ocorrências especificamente políticas: revoluções, eleições gerais, transformações de regimes políticos. Entretanto, o material a ser principalmente considerado em museus de interesse não só socialmente histórico como socioantropológico, deveria passar a ser, no Brasil, o que documentasse civilizações regionais brasileiras, seus cotidianos, suas ocorrências, os característicos de suas estruturas e de suas funções básicas².

Foi pensando assim que ele reuniu no Museu de Antropologia objetos culturais ostensivamente rústicos e primitivos, como cuias de origem ameríndia, cerâmicas nordestinamente mestiças, cachimbos de barro, bonecas de pano, ao lado de peças requintadamente europeias, importadas de Paris no século XIX e, em grande parte do século XX, bem como brinquedos de crianças, como os feitos de espigas de milho e de quengos de coco. Só no final da década de 1970, após a incorporação dos acervos do Museu de Arte Popular e do Museu do Açúcar, Freyre completaria a representação museológica do que ele compreendia ser “o conjunto da cultura desse homem nacionalmente brasileiro, regionalmente nordestino”³. Em 1979, foi instituída a criação do Museu do Homem do Nordeste da Fundação Joaquim Nabuco, hoje vinculada ao Ministério da Educação.

Ao conceber um museu histórico-antropológico, com o objetivo de pesquisar, documentar, preservar, difundir e atualizar o patrimônio cultural da região, Gilberto Freyre pensou na criação de um museu que reunisse o material relacionado com a vida e com o trabalho das populações do Nordeste, aplicando-lhe



Acervo MHN

1. FREYRE, Gilberto. *Catálogo do Museu do Homem do Nordeste – MUHNE*. Recife: Coleção Banco Safra, 2000.

2. *Ibid.*

3. *Ibid.*

Na fachada do Museu, uma obra de arte do artista Francisco Brennand.



Acervo MHN

Pinhas e alegorias para ornamentação de fachadas de engenhos e sobrados urbanos.

critérios científicos. No seu início, formado por peças doadas por particulares e pelo próprio Freyre, partiu do tijolo e do prego que guardam registros da memória arquitetônica e da construção civil nos meios rural e urbano, indo até a primeira coleção de ex-votos reunida no Brasil, formada não apenas por réplicas em diversos materiais, como cera e madeira, de membros do corpo humano, mas também de casas e moendas, espigas de milho e objetos de uso pessoal. Essas coleções foram unidas às de luminárias populares, de garrafas de cachaça, de preciosidades da arte popular regional; às de tecnologias da indústria açucareira, dos instrumentos de trabalho no eito da cana e de objetos relacionados à vida na senzala e às riquezas da casa-grande. Dessa forma, as coleções do Museu do Homem do Nordeste caracterizam-se por heterogeneidade e variedade, apresentando peças requintadas oriundas, em sua maioria, das ricas famílias dos senhores de engenho, ao lado de objetos muito simples, de uso, ainda hoje, no cotidiano das classes menos favorecidas.

Hoje, o Museu reúne um acervo de cerca de 15 mil peças de caráter histórico, etnográfico e antropológico, que conduz à compreensão da formação histórico-social da região Nordeste, bem como dos modos de vida e aspectos ligados à cultura dos grupos étnico-sociais que compuseram e compõem atualmente a região.

REVITALIZAÇÃO DO MUSEU

Assim como a maioria dos museus brasileiros, até 2003, o Museu do Homem do Nordeste recebeu pouco ou quase nenhum investimento em suas condições físicas, tecnológicas e até humanas. Por isso, nos últimos cinco anos, vem recebendo as melhorias estruturais e de pessoal necessárias para recolocá-lo no novo cenário da museologia brasileira.

As reformas estruturais foram iniciadas em outubro de 2003 com recursos da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), quando foi efetuada a troca dos

sistemas de refrigeração, elétrico e luminotécnico do circuito expositivo, além da reforma da fachada, que voltou ao seu projeto original. A Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) investiu cerca de R\$ 1,3 milhão de recursos próprios na revitalização do Museu, para a troca do piso do circuito expositivo, a reconstrução estrutural do telhado, a criação de uma loja/café e de uma oficina de conservação preventiva de acervos, a reforma do seu Setor Educativo e do seu auditório com 208 lugares, a criação de uma oficina de conservação preventiva de acervos e, principalmente, a execução do seu novo projeto museográfico, elaborado pela arquiteta pernambucana Janete Costa, incluindo projetos luminotécnicos, que utiliza tecnologia de fibra ótica, de sonorização e audiovisual, de automação e de segurança. Além dos recursos da Fundaj, o projeto de revitalização da exposição também conta com o patrocínio da Petrobras e incentivo da Lei Rouanet. Para 2009, novos investimentos estão previstos, visando promover acessibilidade aos portadores de necessidades especiais, com a instalação de um elevador para o andar superior do edifício, onde será executada a segunda etapa do novo projeto museográfico, que inclui experiências interativas tecnológicas.

Paralelamente às obras estruturais, a equipe do Museu e da Diretoria de Documentação, além de pesquisadores da Diretoria de Pesquisas Sociais da Fundaj e das Universidades Federal e Federal Rural de Pernambuco, voltaram suas atenções para a discussão do novo projeto museológico da exposição, coordenado pela museóloga Maria Regina Batista Silva, conceituando e intitulado a nova exposição de *Nordeste: territórios plurais, culturais e direitos coletivos*. O projeto optou por novos conteúdos e objetos, propondo preencher lacunas existentes no acervo, ampliar geograficamente o espaço e atualizar sua representação museológica. No período de 2006 a 2008, a Fundação Joaquim Nabuco adquiriu, com recursos próprios e do Banco do Nordeste do Brasil, 210 objetos e 44 fotografias dos estados do Maranhão, Ceará, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. Para representação da questão indígena atual, por exemplo, foram conseguidos 131 objetos de oito nações localizadas nos estados de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

NORDESTE: TERRITÓRIOS PLURAIS, CULTURAIS E DIREITOS COLETIVOS

O projeto de revitalização da exposição de longa duração teve como ponto de partida o debate sobre a atualização do conceito socioantropológico de Homem do Nordeste e suas representações, com ampliação dos núcleos expositivos e incorporação de novos temas e coleções. Para isso, buscou-se um formato museográfico contemporâneo, que privilegiasse a contextualização dos acervos e a ampliação do discurso do objeto.

A partir de uma ampla pesquisa – bibliográfica, iconográfica, de multimeios e de campo –, o novo projeto museológico da exposição é apresentado sob o ponto de vista histórico-social (formas de propriedade dos bens; relações sociais

de trabalho e de poder, o trabalho, técnicas, produção e produtos, circulação e consumo); étnico-cultural (usos e costumes, modos de vida: religiosidade; sociabilidade; manifestações culturais, festivas e outras; artes, arquitetura, artesanato e cultura; ciências e tecnologia) e étnico-histórico (dados históricos e antropológicos que ampliam a compreensão dos temas abordados). Dessa forma, a exposição tem como base três pilares: *geográfico*, associado ao de território brasileiro, onde se forja o conceito de nacionalidade; *histórico*, que explica a constituição da sociedade nordestina, cuja presença de outras culturas contribuiu para a sua diversidade cultural e explica como se forjou a identidade do homem do Nordeste brasileiro; e *antropológico* que, entre outras coisas, representa o universo criador, mostrado através das suas expressões artístico-culturais, refletindo visões e discursos que projetam a região como espaço múltiplo e diversificado. Com esta visão, buscou-se construir um mural da vida brasileira, proporcionando ao visitante uma abordagem não linear dos temas, em que o passado e o presente dialogam, projetando visões de futuro.



Arquivo MHN

O sincretismo religioso está representado pelo ensaio *Orixás*, do fotógrafo Hélder Ferrer, no Sítio do Pai Adão, o mais antigo terreiro de Pernambuco; e pelos santos sincréticos do artista Élson Santos, de Barra, Bahia.

O objetivo não é mostrar pura e simplesmente quem é esse homem ou como se formou a região Nordeste. O objetivo é lançar a pergunta e, a partir de estímulos que evocam imagens e sentidos, desvendar memórias individuais e coletivas.

Como se criou a região Nordeste, quando, por que e baseando-se em quê? Ao assim questionar, estará próximo de perceber que região não é um dado imediato e concreto do real, embora nele se fundamente, mas uma representação simbólica, um conceito elaborado a partir de certos referenciais – que podem ser geográficos, históricos, econômicos, sociais, políticos, culturais, étnicos e religiosos

– e de certa interpretação da realidade. Uma criação humana, historicamente contextualizada e sujeita a mudanças⁴.

A exposição foi dividida nos seguintes módulos:

a) Nordeste Plural

Na entrada do circuito expositivo, um telão apresenta um painel do Nordeste atual, com imagens da diversidade, contradições sociais e econômicas, referências culturais, valores, tradições e vanguardas da região.

b) Geografia do Nordeste

O espaço da região geográfica como conceito simbólica e historicamente construído.

c) Brasil: global e periférico

A luta pelo território. Ocupação por diferentes potências europeias. Influências econômico-culturais nos costumes e modos de vida. Capital estrangeiro, urbanização e expansão tecnológica.

d) Terra, trabalho e identidade: povos indígenas do Nordeste

A exposição mostra a ideologia colonial, a ideia de inexistência predominante no pensamento social brasileiro e a visibilidade atual: a mobilização e a busca da identidade étnica desses povos. A questão indígena é hoje um movimento étnico-social pulsante no Nordeste, em busca de identidades e do reconhecimento jurídico-administrativo, étnico e histórico, e, como tal, é mostrado na exposição.

e) Açúcar: organização da economia e escravidão

A produção, o produto e o consumo. Escravidão e liberdade, de Palmares às terras quilombolas hoje. A vida privada e a arquitetura dos engenhos e dos sobrados urbanos patriarcais.

f) Revoltas, revoluções e resistências

Conflitos e movimentos libertários no século XIX. A luta pelo fim da escravidão e o trabalho escravo hoje. Resistências culturais: cantos, batuques e danças de matriz afro-brasileira. O sincretismo e a religiosidade popular.

g) O trabalho livre e assalariado: Expansão e interiorização através do gado

Ocupação do território e expansão econômico-social, rumo aos sertões. A civilização do couro. Vaqueiros, aboios, poetas e cordelistas. As línguas falada, escrita e cantada do povo.



Arquivo MHN

O uso de louças brasonadas, decoradas com as armas dos seus titulares, generalizou-se na aristocracia brasileira a partir da transferência da Corte portuguesa para o Brasil, em 1808.

4. Texto do módulo Geografia do Nordeste na exposição, por Rita de Cássia Barbosa de Araújo, historiadora e antropóloga, diretora de Documentação da Fundaj.

h) Subindo o São Francisco...

O *Rio dos Currais*. Messianismo, coronelismo e cangaço. Festas, rituais, carrancas e canoas. Vilas e cidades.

i) O Sertão

O algodão e a economia externa. Delmiro Gouveia e o empreendedorismo pioneiro no Nordeste. Hidroelétricas, barragens, mudanças econômicas, sociais e nas paisagens rural e urbana.

j) Cidades e indústrias: crescimento e modernização

A industrialização e os sindicatos. Formas de organização das classes trabalhadoras urbanas: das corporações de ofício às agremiações carnavalescas.

k) Migração campo-cidade e a vida do trabalhador

Usinas de açúcar, retirantes e paus-de-arara. O Nordeste no desenvolvimento do Brasil. Josué de Castro e o homem caranguejo. Os escravos de hoje e o subemprego.

l) A efervescência do século XX

A “indústria da seca”, ligas camponesas, Celso Furtado e o modelo econômico e social. Os movimentos políticos, sociais e culturais do século XX.

m) O Reinado da Lua

Uma das particularidades do acervo do Museu é a sua coleção de arte popular, por isso a exposição mostra toda essa força criativa da região no módulo *Reinado da Lua*. Trata-se de uma homenagem ao artista Nhô Caboclo, que cunhou a expressão ao explicar de onde tirava a inspiração para criar sua arte. Nesse módulo, uma mostra do que há de mais expressivo e representativo dos artistas populares brasileiros: Vitalino, Nhô Caboclo, Zé Caboclo, Lídia Vieira, Zé Rodrigues, Porfírio Faustino, Louco, Benedito, J. Borges, Severino da Marinha, Severino de Tracunhaém, Veio, Fernando da Ilha do Ferro, Aberaldo, Mestre Tonho e outros grandes nomes.

Brincando no Reinado, a infância como início de uma *arte de brincadeira*. A arte popular ontem e hoje. Mestres, processos de trabalho, visões de mundo e suas obras.

A OPÇÃO PELO USO DA TECNOLOGIA

Em todos os módulos que compõem a narrativa proposta, são utilizados os acervos bibliográficos, iconográficos e museológicos da Fundação Joaquim Nabuco, bem como de recentes trabalhos fotográficos desenvolvidos na região, sempre realizando o contraponto entre o Nordeste de ontem e de hoje, como a imagem da ama de leite Mônica, os instrumentos de suplício e as comunidades quilombolas hoje; as ligas camponesas e o MST; os candeeiros populares e as grandes hidroelétricas.

Ao longo de todo o circuito expositivo, são utilizados recursos audiovisuais e sonoros, com criações dos músicos Naná Vasconcelos, DJ Dolores e do cineasta

Eric Laurence. A opção metodológica pelo uso da tecnologia na exposição traz um grande diferencial, pois facilita uma visão mais abrangente da região e proporciona possibilidades criativas na abordagem dos conteúdos e uma maior visibilidade junto à sociedade.

Esta é a primeira parte do planejamento estratégico de revitalização do Museu que prevê, como meta futura, a criação de experiências eletrônicas lúdicas e interativas, além da elaboração de produtos educativos eletrônicos. Esses equipamentos e novos produtos eletrônicos serão ferramentas fundamentais de pesquisa, que facilitarão a compreensão do conteúdo da exposição, cujo acervo, por suas características peculiares, é objeto de estudos de estudantes e professores universitários, além de pesquisadores nos diversos níveis de pós-graduação, do Brasil e do mundo.

Serviço

Museu do Homem do Nordeste

Av. 17 de Agosto, 2187, Casa Forte, Recife-Pe – CEP 52061-540.

Funcionamento: Terças a sextas-feiras, das 8h30 às 17h. Sábados, domingos e feriados, das 13h às 17h.

Nos feriados de 1º de janeiro, carnaval, 6 de março – data magna de Pernambuco –, Sexta-feira da Paixão, São João e Natal, o Museu fica fechado.

Ingressos: inteira R\$ 4,00/meia R\$ 2,00. Entrada franca para grupos escolares da rede pública, acompanhados do professor (agendamento), e para alunos da rede pública, com apresentação da carteira de estudante. Em todos os terceiros domingos de cada mês, a entrada também é gratuita.

Telefone: (81) 3073-6332. O Serviço de monitoria pode ser agendado pelos telefones (81) 3073-6340, ou pelo e-mail: monitoria@fundaj.gov.br